

Jorge M. Bergoglio

Corrupção  
e pecado

*Algumas reflexões a  
respeito da corrupção*

**AM**  
EDITORA  
AVE-MARIA

# Prefácio

A editora Ave-Maria apresenta para o Brasil uma reflexão pontual e esclarecedora do Santo Padre, o Papa Francisco. O original desse livro foi publicado na Argentina em 2005 pela Editorial Claretiana. O texto foi apresentado por Jorge M. Bergoglio em uma assembleia Arquidiocesana de Buenos Aires neste mesmo ano, no tempo do Advento.

A palavra corrupção, por si, desperta em nós um desalento, e de forma equivocada focamos esse problema apenas nas estruturas políticas. Tanto na Argentina quanto no Brasil e nos demais países da América Latina, por força do senso comum, basta ouvirmos a palavra corrupção para, de forma quase instintiva, projetarmos nosso pensamento nos poderes políticos constituídos.

O Papa nos lembra que a corrupção está em toda parte, inclusive dentro de muitos de nós, de nossa própria casa, dentro de nossas comunidades e igrejas. “A corrupção nasce de um coração corrupto”, sinaliza o Santo Padre.

Um dos grandes perigos, segundo o Papa Francisco, é incluímos a corrupção na categoria de pecado. Nós somos pecadores, e isso nos dá a certeza da Misericórdia Divina, basta nos lembrarmos da parábola do Filho Pródigo. A corrupção, porém, não é o pecado em si, mas um dos piores frutos do pecado: “Não devemos confundir pecado com corrupção. O pecado, especialmente quando é reiterativo, conduz à corrupção, mas não quantitativamente (tantos pecados provocam um corrupto), e sim qualitativamente, por criação de hábitos que vão deteriorando e limitando a capacidade de amar...”

Com a leitura deste livro, com toda certeza, nossos horizontes se abrirão, e diremos com a força da convicção: pecadores, sim; corruptos, não!

*Pe. Luís Erlin*  
*Editor*

# Prólogo

Nas reuniões com organismos arquidiocesanos e civis de nossa cidade, aparece, com frequência e quase constantemente, o tema da corrupção como uma das realidades habituais da vida. Fala-se de pessoas e instituições aparentemente corruptas que entraram em um processo de decomposição e perderam sua condição de entidade, sua capacidade de ser, de crescer, de tender à plenitude, de servir à sociedade. Não é uma novidade: desde que o homem é homem sempre se deu esse fenômeno que, obviamente, é um processo de morte: quando a vida morre, há corrupção. Com frequência noto que se relaciona *corrupção* com *pecado*. Na verdade, não é bem assim. Situação de pecado e estado de corrupção são duas realidades diferentes, embora intimamente entrelaçadas.

Tendo em mente essa situação, julguei oportuno tornar a publicar um artigo que escrevi em 1991. Naquela época, os meios de comunicação dedicaram muito espaço e tempo a esse assunto. Era a época em que Catamarca<sup>1</sup>

---

1. Ver nota de rodapé na página 13. (N.T.)

polarizava a atenção nacional e muitos se espantavam por essas coisas acontecerem. Depois, fomos nos acostumando mais à palavra... e aos fatos, como se fizessem parte da vida cotidiana. Sabemos que todos somos pecadores, mas a novidade que se incorporou ao imaginário coletivo é que era como se corrupção fizesse parte da vida normal de uma sociedade, uma dimensão denunciada, mas *aceitável* no convívio cidadão. Não quero pormenorizar em exemplos: os jornais estão cheios disso.

A Arquidiocese está em Assembleia. Não podemos ignorar o tema que, como disse, aparece em nossas conversas e reuniões. Será bom refletirmos juntos sobre esse problema e também sobre sua relação com o pecado. Fará bem sacudirmos a alma com a força profética do Evangelho que nos situa na verdade das coisas, remexendo a folhagem sob a qual a fraqueza humana, unida à cumplicidade, cria o húmus propício para a corrupção. Será muito bom, à luz da palavra de Deus, aprender a discernir os diversos estados de corrupção que nos circundam e ameaçam nos seduzir. Será bom tornar a dizer uns aos outros “pecador, sim; corrupto, não!”, e dizer com medo, para que não aceitemos o estado de corrupção como mais um pecado.

“Pecador, sim.” Que lindo poder sentir e dizer isso, e, nesse momento, abismarmo-nos na misericórdia do Pai, que nos ama e a todo momento nos espera. “Pecador, sim”, como dizia o publicano no templo (“Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!”, Lc 18,13); como sentiu e disse Pedro, primeiro

com palavras (“Retira-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador”, Lc 5,8) e depois com lágrimas ao ouvir aquela noite o canto do galo, momento esse que a genialidade de J. S. Bach plasmou na sublime ária *Erbarne dich, mein Gott* (Tenha piedade de mim, Senhor). “Pecador, sim”, como Jesus nos ensina pelas palavras do Filho Pródigo: “Meu pai, pequei contra o céu e contra ti” (Lc 15,21) e depois não pôde continuar falando, pois ficou emudecido pelo caloroso abraço do pai que o esperava. “Pecador, sim”, como nos faz dizer a Igreja ao começar a Missa e cada vez que olhamos para o Senhor crucificado. “Pecador, sim”, como disse Davi, quando o Profeta Natã lhe abriu os olhos com a força da profecia (2Sm 12,13).

Mas como é difícil que o vigor profético alquebre um coração corrupto! Está tão escudado na satisfação de sua autossuficiência, que não permite nenhum questionamento. “Assim acontece ao homem que entesourou para si mesmo e não é rico para Deus” (Lc 12,21). Sente-se à vontade e feliz como aquele homem que planejava construir novos celeiros (Lc 12,16-21) e, quando a situação fica difícil, conhece todas as desculpas para escapar, como fez o administrador corrupto (Lc 16,1-8) que antecipou a filosofia “quem não rouba é trouxa”. O corrupto construiu uma autoestima baseada justamente nesse tipo de atitudes enganosas, caminha pela vida pelos atalhos do vantajoso a preço de sua própria dignidade e a dos outros. O corrupto tem cara de “não fui eu”, “cara de vaso”, como dizia minha avó. Mereceria

um doutorado *honoris causa* em cosmetologia social. E o pior é que acaba acreditando. E como é difícil que a profecia entre ali! Por isso, mesmo dizendo “pecador, sim”, gritemos com força, “mas corrupto, não!”.

Uma das características do corrupto, que se relaciona com a profecia, é certo complexo de inquestionabilidade. Diante de qualquer crítica fica mal, desqualifica a pessoa ou instituição que a faz, procura aniquilar toda autoridade moral que o possa questionar, recorre ao sofisma e ao equilibrismo nominalista-ideológico para se justificar, desvaloriza os outros e arremete com o insulto contra quem pensa diferente (cf. Jo 9,34). O corrupto costuma se perseguir de maneira inconsciente, e é tal a raiva que lhe causa essa autoperseguição que a projeta nos outros, e, de autoperseguido, transforma-se em perseguidor. São Lucas mostra a fúria desses homens (cf. Lc 6,11) diante da verdade profética de Jesus: “Mas eles encheram-se de furor e indagavam uns aos outros o que fariam a Jesus”. Perseguem impondo um regime de terror a todos aqueles que os contradizem (cf. Jo 9,22) e se vingam expulsando-os da vida social (cf. Jo 9,34-35). Têm medo da luz porque sua alma adquiriu características de verme: vive nas trevas e debaixo da terra. O corrupto aparece no Evangelho jogando com a verdade: fazendo armadilhas a Jesus (cf. Jo 8,1-11; Mt 22,15-22; Lc 20,1-8), fazendo intrigas para tirá-lo do caminho (cf. Jo 11,45-57; Mt 12,14), subornando quem tem capacidade de trair (cf. Mt 26,14-16) ou os oficiais

da vez (cf. Mt 28,11-15). São João os engloba em uma só frase: “A luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam” (Jo 1,5). Homens que não percebem a luz. Podemos reler os evangelhos buscando os traços típicos desses personagens e sua reação diante da luz do Senhor.

Ao apresentar novamente este escrito, gostaria que – neste momento de Assembleia Arquidiocesana – fosse útil para nos ajudar a compreender o perigo de desmoronamento pessoal e social que implica a corrupção; e nos ajudar também na vigilância, pois um estado cotidiano de cumplicidade com o pecado pode nos conduzir à corrupção. O tempo de Advento é adequado para vigiar atentamente sobre as coisas que nos impedem de abrir nosso coração ao desejo do encontro com Jesus Cristo que vem. Que nos deixemos encontrar com Ele para trilhar, renovadamente, o caminho da vida cristã.

Quero agradecer de maneira especial ao Padre Gustavo O. Carrara por sua ajuda moral para fazer esta publicação.

*Buenos Aires, 8 de dezembro de 2005*

*Solenidade da Imaculada Conceição*

*Jorge Mario Bergoglio, sj.*



# Corrupção e pecado

## *Algumas reflexões a respeito da corrupção*

Hoje em dia se fala bastante de corrupção, especialmente no que concerne à atividade política<sup>2</sup>. Em diversos ambientes sociais, denuncia-se o fato. Vários bispos apontaram a “crise moral” pela qual passam muitas instituições. Por outro lado, a reação geral perante certos fatos que indicariam corrupção tem sido crescente, e, em alguns casos, como no de Catamarca<sup>3</sup>, diante da impotência de gerar uma solução aos problemas, a ação do povo produziu manifestações que se aproximam de uma nova *Fuenteovejuna*<sup>4</sup>. Trata-se de um momento no qual a realidade da corrupção emerge de uma maneira especial.

---

2. Frigerio, Octavio, “Corrupción, un problema político”, *La Nación*, ano 122, nº 42.863, segunda-feira, 4 de março de 1991, p. 7.

3. Em 1991, o então presidente Carlos Menem decretou Intervenção Federal na Província de Catamarca, em consequência do chamado “Caso Morales”, como ficou conhecido o assassinato brutal de uma adolescente por filhos de políticos poderosos.

4. Obra teatral de conteúdo social escrita por Lope de Vega. (N.T.)

E, contudo, toda corrupção social não é mais que a consequência de um coração corrupto. Não haveria corrupção social sem corações corruptos: “Ora, o que sai do homem, isso é que mancha o homem. Porque é do interior do coração dos homens que procedem os maus pensamentos: devassidões, roubos, assassinatos, adultérios, cobiças, perversidades, fraudes, desonestidade, inveja, difamação, orgulho e insensatez. Todos esses vícios procedem de dentro e tornam impuro o homem” (Mc 7,20-23).

Um coração corrupto: eis aqui o assunto. Por que um coração se corrompe? O coração *não é uma última instância* do homem, fechada em si mesma; não acaba ali a relação (e, portanto, nem a relação moral). O coração humano é coração na medida em que é capaz de se referir a outra coisa, na medida em que é *capaz de aderir*, na medida em que é capaz de amar ou negar o amor (odiar). Por isso Jesus, quando convida a conhecer o coração como fonte de nossas ações, chama nossa atenção sobre essa adesão finalística de nosso coração inquieto: “Porque onde está teu tesouro, lá também estará teu coração” (Mt 6,21). Conhecer o coração do homem, seu estado, implica necessariamente conhecer o tesouro a que esse coração se refere, o tesouro que o liberta e plenifica ou que o destrói e escraviza; neste último caso, o tesouro que o corrompe. De tal modo que a corrupção (pessoal ou social) passa ao coração, que se torna seu autor e conservador, e do coração passa ao tesouro no qual esse coração está aderido.

# Método

Gostaria de refletir sobre esse fato para compreendê-lo melhor e também para ajudar a evitar que a corrupção se transforme em um *lugar-comum* de referência, ou em *mais uma palavra* das que se usam na engrenagem nominalista da cultura gnóstica e de valores transversais; essa cultura que tende a asfixiar a força da Única palavra. Penso que, em primeiro lugar, essa reflexão possa ajudar a adentrar a estrutura interna do estado de corrupção, “considerando a fealdade e a malícia que [...] tem em si [...]”<sup>5</sup> e sabendo que, embora a corrupção seja um estado intrinsecamente ligado ao pecado, em algo se distingue dele. Em segundo lugar, também ajuda a descrever o modo de proceder de uma pessoa, de um coração corrupto (diferente do de um pecador). Em terceiro lugar, a percorrer algumas das formas de corrupção que Jesus teve que enfrentar em seu tempo.

Por fim, ajudará a perguntar sobre o modo de corrupção que poderia ser mais próprio de um

---

5. *Exercícios Espirituais* (doravante EE) 57

religioso. É claro que pode levar em si uma corrupção similar à do resto dos mortais, mas aqui me interessaria perguntar pelo que eu chamaria de *corrupção em tom menor*, ou seja: a possibilidade de que um religioso tenha um coração corrompido, mas (que me permitam a palavra) *venialmente*, ou seja, que suas lealdades para com Jesus Cristo adoeçam de certa paralisia.

É possível que um religioso participe de um ambiente de corrupção? É possível que um religioso seja – de alguma maneira – *parcial ou venialmente* corrompido? Todas essas coisas levam, metodologicamente, a nos situarmos em diferentes pontos de vista para, daí, apontar para o tema da corrupção. Além de tudo, deve-se notar que *corrupção* é uma “palavra carregada”<sup>6</sup> de significações contemporâneas, e corre-se o risco de forçar a reflexão para que se acomode a ela.

---

6. “Ein geladenes Wort”, como diz van Rad.

# A imanência

Não devemos confundir *pecado* com *corrupção*. O pecado, especialmente quando é reiterativo, conduz à corrupção, mas não quantitativamente (tantos pecados provocam um corrupto), e sim qualitativamente, por criação de hábitos que vão deteriorando e limitando a capacidade de amar, encolhendo cada vez mais a referência do coração a horizontes mais próximos de sua imanência, de seu egoísmo. Assim afirma São Paulo: “Porquanto o que se pode conhecer de Deus eles o leem em si mesmos, pois Deus lhes revelou com evidência. Desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade tornam-se visíveis à inteligência, por suas obras; de modo que não se podem escusar. Porque, conhecendo a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças. Pelo contrário, extraviaram-se em seus vãos pensamentos, e se lhes obscureceu o coração insensato. Pretendendo-se sábios, tornaram-se estultos. Mudaram a majestade de Deus incorruptível em representações e figuras de homem corruptível, de

aves, quadrúpedes e répteis.” (Rm 1,19-23). Aqui aparece claro o processo que vai do pecado à corrupção, o que isso implica de cegueira, de abandono de Deus às próprias forças etc.

Poderíamos dizer que o pecado se perdoa, a corrupção não pode ser perdoada. Simplesmente porque na base de toda atitude corrupta há um cansaço de transcendência: diante do Deus que não se cansa de perdoar, o corrupto se erige como suficiente na expressão de sua saúde e cansa-se de pedir perdão.

Esse seria um primeiro traço característico de toda corrupção: a *imanência*. No corrupto existe uma suficiência básica, que começa sendo inconsciente e depois é assumida como a coisa mais natural. A suficiência humana nunca é abstrata. É uma atitude do coração concernente a um *tesouro* que o seduz, que o tranquiliza e o engana: “E direi à minha alma: ó minha alma, tens muitos bens em depósito para muitíssimos anos; descansa, come, bebe e regala-te” (Lc 12,19). E, de maneira curiosa, dá-se um contrassenso: o *suficiente* sempre é, no fundo, um escravo desse tesouro e, quanto mais escravo, mais *insuficiente* na consistência dessa suficiência. Assim se explica por que a corrupção não pode ficar escondida: o desequilíbrio entre o convencimento de se autobastar e a realidade de ser escravo do tesouro não pode se conter. É um desequilíbrio que vai para fora, e como ocorre com toda coisa fechada, arde por escapar da própria pressão e, ao sair, esparrama o cheiro desse enclausuramento consigo mesmo: dá mau

cheiro. Sim, a corrupção tem cheiro de podre. Quando alguma coisa começa a *cheirar mal* é porque existe um coração preso sob pressão entre sua própria suficiência imanente e a incapacidade real de bastar a si mesmo; há um coração podre por conta de excessiva adesão a um tesouro que o aprisionou.

O corrupto não percebe sua corrupção. Ocorre como com o mau hálito: dificilmente aquele que tem mau hálito o percebe. Os outros é que o sentem e têm que lhe dizer. Por isso, também, que dificilmente o corrupto pode sair de seu estado por remorso interno. Seu bom espírito dessa área está *anestesiado*. Geralmente o Senhor o salva com provas que vêm de situações que lhe cabe viver (doenças, perdas de fortuna, de entes queridos etc.), e são elas que alquebram a estrutura corrupta e permitem a entrada da graça. Pode ser curado.